

Recebido em: 21/7/2016

Avaliado em: 12/8/2016

Aprovado em: 19/9/2016

## Przeworski e Teune, KKV, Brady e Collier: O Avanço da Metodologia de Pesquisa na Ciência política

Deywisson Ronaldo Oliveira de Souza,<sup>1</sup> Louise Dantas de Andrade,<sup>2</sup> e  
Flávia Danielle Santiago Lima<sup>3</sup>

Resumo: A questão metodológica foi e continua sendo o centro de diversas discussões no campo da Ciência Política, sendo essencial para a produção de inferências causais e descritivas. Nesse contexto, o presente artigo se propõe a expor a contribuição de três obras que se apresentam como o *core* da metodologia contemporânea na área, sobretudo no que se refere a pesquisa comparada, a validação de teorias nas ciências sociais, e as divergências e convergências das tradições qualitativas e quantitativas: (i) *The logic of comparative social inquiry*, de Adam Przeworski e Henry Teune; (ii) *Designing social inquiry: scientific inference in qualitative research*, de Gary King, Robert O. Keohane e Sidney Verba; e, (iii) *Rethinking social inquiry*, de Henry E. Brady e David Collier.

Palavras-chave: Metodologia; Ciências sociais; Métodos; Ciência política.

---

<sup>1</sup> Professor Substituto de Teoria Política e Doutorando em Ciência Política na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciência Política pela UFPE. Mestra e Bacharela em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP).

<sup>3</sup> Doutora em Direito Público pela UFPE. Professora da UNICAP e Advogada da União.

Abstract: The methodological issue was and continues to be the center of several discussions in the field of Political Science, being essential to the production of causal and descriptive inferences. In this context, this paper aims to expose the contribution of three seminal works that represent the core of the contemporary methodology in the area, especially in the comparative analysis area, regarding the validation of theories in the social sciences and in the analysis of the differences and similarities of qualitative and quantitative traditions: (i) The logic of comparative social inquiry, by Adam Przeworski and Henry Teune; (ii) Designing social inquiry: scientific inference in qualitative research, by Gary King, Robert O. Keohane and Sidney Verba; and (iii) Rethinking social inquiry, by Henry E. Brady and David Collier.

Key-words: Methodology; Social sciences; Method; Political science.

## 1. Introdução

Um dos principais desafios das ciências sociais, desde seu surgimento, é adotar técnicas e métodos de pesquisa capazes de lhe atribuir a cientificidade tradicionalmente inerente às ciências naturais e exatas. Tal cientificidade está apoiada basicamente na ideia de que o rigor do método de pesquisa, antes de ser o próprio fim da ciência, é em si o único meio possível de se atingir a evolução do conhecimento.

Isso porque, a utilização de um método específico e claro resulta na possibilidade de replicação da pesquisa e consequentemente na submissão daquele resultado a testes capazes de medir sua validade e eficiência, comprovando-o ou não, fortalecendo-se paradigmas e teorias ou mesmo descartando-as. É o que se chama de falseabilidade, a qual nesse contexto se torna o critério de demarcação da cientificidade em uma pesquisa empírica (POPPER, 2013, p. 38).

Em outras palavras, “podemos dizer que a teoria rejeita certas ocorrências possíveis e que ela se falseará caso possíveis ocorrências de fato se manifestarem” (POPPER, 2013, p. 77). É justamente com o objetivo de possibilitar a falseabilidade da hipótese e, por consequência, a evolução do conhecimento empírico que o pesquisador deve dar atenção especial ao desenho de pesquisa, o qual deverá (1) expor e justificar o problema de pesquisa; (2) evidenciar a hipótese; (3) descrever os métodos e técnicas que serão utilizados; (4) produzir inferências causais falsificáveis; e, (5) apresentar as limitações do próprio desenho (FIGUEIREDO FILHO *et al*, 2012, p. 89).

O desenho de pesquisa deve partir de um problema observado, o qual após ser definido deve ser reduzido a uma hipótese testável (LEVIN, 1987, p. 03), com três componentes básicos e mínimos, quais sejam, uma variável dependente, uma variável independente e uma relação esperada (FIGUEIREDO FILHO *et al*, 2012, p. 92). Ultrapassada essa etapa o pesquisador estará diante da parte provavelmente mais controvertida da elaboração do desenho, a escolha e descrição dos métodos e técnicas que serão utilizados para testar a hipótese.

A questão metodológica foi e continua sendo o centro de diversas discussões no campo da ciência política, sendo essencial para a produção de inferências causais e descritivas, por conseguinte, para o desenvolvimento das pesquisas nessa área. Nesse contexto, o presente artigo se propõe a expor a contribuição de três obras que se apresentam como o *core* da metodologia contemporânea na ciência política, sobretudo no que se refere a pesquisa comparada, a validação de teorias nas ciências sociais, e as divergências e convergências das tradições qualitativas e quantitativas.

Abordaremos as obras que já se tornaram obrigatórias em qualquer curso de pós-graduação em ciência política, pois se sagraram como pontos intersecção para a discussão do rigor científico nesse campo do saber, quais sejam, *The logic of comparative social inquiry*, de Adam Przeworski e Henry Teune; *Designing social inquiry: scientific inference in qualitative research*, de Gary King, Robert O. Keohane e Sidney Verba; e, *Rethinking social inquiry*, de Henry E. Brady e David Collier.

Para tanto o artigo foi dividido em quatro partes, a primeira é essa introdução ao trabalho, a segunda trata dos desafios empírico-metodológicos das ciências sociais; na terceira expomos o esforço teórico-metodológico desses autores em propor caminhos para a validação das teorias nas ciências sociais, partindo primeiramente de uma estrutura básica sobre a qual a pesquisa social pode se desvencilhar de críticas e preconceitos clássicos; da mesma forma, nessa terceira seção, destrinchamos o legado da obra seminal de KKV e sua contribuição para a validação das teorias nas ciências sociais a partir da esquematização de desenhos de pesquisa que levam as inferências causais e descritivas tanto nos desenhos de pesquisa quantitativos quanto qualitativos. Por último, elencamos algumas críticas feitas a obra de KKV em Brady e Collier (2010), que adensaram esse debate e favoreceram o enriquecimento da pesquisa e dos estudos metodológicos na ciência política.

## 2. As Ciências Sociais e os Seus Desafios Empírico-Metodológicos: Rompendo as Visões Distorcidas

A variedade dos modelos de ciência e seus padrões metodológicos representaram ao longo da história caminhos

alternativos do avanço do campo científico nas mais diversas áreas do saber. Na pesquisa em ciências sociais, o que inclui a esfera da política e da pesquisa comparada, tradicionalmente a explicação se volta para a análise em um nível macro e admite que os fenômenos da realidade social podem ser explicados por meio de leis gerais oriundas da observação (PRZEWORSKI; TEUNE, 1970, p.4). Essa preferência metodológica construiu-se naturalmente, haja vista as características intrínsecas do objeto de estudo da política. Ao contrário das demais ciências sociais que tradicionalmente inferem acerca dos indivíduos, como a psicologia e antropologia, e mesmo a sociologia que foca nas relações sociais como resultante das ações individuais, a política tem nas instituições seu corpo central, de onde é possível extrair explicações e enxergar regularidades.

A pesquisa em ciências sociais compartilha de uma crença metodológica que coloca sua fé no comportamento social como resultante de uma dinâmica entre um limitado número de variáveis. Essas variáveis funcionam como os sintetizadores da realidade social, os mecanismos que atuam de uma maneira que possibilita comprovar ou explicar aquele determinado fenômeno observado como resultante da dinâmica daquelas variáveis escolhidas. Embora a dinâmica entre as variáveis observadas seja de importância fulcral para a concretização da explicação e do saber científico, algumas formas de instrumentalização de variáveis são criticadas e rejeitadas.

Nesse sentido, algumas interpretações e incoerências são demonstradas por Przeworsky e Teune (1970). A primeira delas é a lógica que chama de "Sistema de Variáveis". Ela se assenta no pressuposto de que se todos os fatores relevantes forem conhecidos, seria encontrada uma explicação determinista, sem levar em conta os fatores "tempo" e "espaço". A crítica desses autores é a de que uma

ciência social que negligencia esses elementos estaria debilitada e seria aistórica, ao retirar das circunstâncias temporais qualquer tipo de significância (PRZEWORSKI; TEUNE, 1970, p.7).

Nesse mesmo esforço metodológico, Przeworsky e Teune (1970) saem em defesa da pesquisa em ciências sociais rebatendo a crítica de que não é possível criar explicações universais dos fenômenos sociais, pois eles seriam retratos de dinâmicas sociais únicas e específicas, com variáveis locais e sistemas de variáveis únicas. Dentro dessa perspectiva, seria possível apenas criar uma ciência restrita a realidades locais, mas não de caráter generalista.

Esses autores, no entanto, salientam que a pesquisa comparada nas ciências sociais pode se beneficiar da substituição de algumas variáveis pelo que chamam de "sistemas sociais". Essa categoria incorpora um conjunto de variáveis culturais e sociais específicas dos casos em análise. Da mesma forma, na pesquisa comparada, o "tempo e o espaço" podem ser adicionados como variáveis de controle. Nessa lógica, os sistemas sociais específicos influenciam a natureza das relações observadas e podem assumir o lugar das variáveis na pesquisa comparada.

As peculiaridades do objeto da pesquisa social e suas diferenças em relação aos objetos das ciências exatas fizeram surgir críticas clássicas e padronizadas. Uma delas é a de que ao contrário da realidade física, os fenômenos sociais se reproduzem em um espectro de ação fugaz, sendo, portanto, fenômenos únicos, inconstantes, sem rigor e não passíveis de padronização. Essa crítica argumenta em torno da não comparação dos fenômenos sociais, dada as suas características. Przeworsky e Teune (1970) partem da perspectiva de que se forem utilizados os termos apropriados e condizentes com o nível de generalização que se quer chegar, é sim possível comparar

objetos muito diferentes, como comparar laranjas e maçãs. Para isso, é necessário encontrar um conjunto de critérios que possam ser utilizados e instrumentalizar a comparação em sistemas sociais diferentes. A ferramenta para se chegar nesse ponto é a utilização de uma linguagem apropriada e que seja útil para a fase da mensuração. Esses critérios são representados pela confiabilidade das categorias, seu grau de universalidade e seu nível de invariabilidade (PRZEWORSKI; TEUNE, 1970).

As críticas recorrentes ao esforço empírico das ciências sociais levaram-na a preocupar-se essencialmente com a explicação dos fenômenos sociais com níveis aceitáveis de generalização e parcimônia. Embora, esses dois últimos critérios recebam mais atenção, o poder de exatidão das teorias nas ciências sociais também tem seu lugar. As teorias, nesse sentido, foram direcionadas para explicar o porquê de os fatos acontecerem.

As principais críticas as ciências sociais também a levaram a preocupar-se com as suas formas de avaliação. As teorias como fruto do saber científico são construídas por declarações gerais e que não se contradizem; elas são avaliadas por 4 critérios, segundo Przeworsky e Teune (1970): exatidão; generalidade, parcimônia e causalidade. A teoria deve primeiramente explicar o máximo que puder e prever as possíveis variações. Quanto maior for o seu poder de exatidão menos generalista e parcimoniosa ela será. Já se ela for mais generalista, alcançará maior número de casos. Se ela necessitar de poucas variáveis, será mais parcimoniosa.

Esses critérios de generalidade e parcimônia implicam dizer que as teorias devem ser avaliadas nos diferentes casos em análise e que as ciências sociais podem ganhar validade apenas se as teorias formuladas em termos dos fatores comuns constituírem o ponto de

partida para a pesquisa comparada (PRZEWORSKI; TEUNE, 1970, p. 22).

Como observado por Przeworsky e Teune (1970), uma teoria generalista é composta de proposições formuladas nos termos das variáveis observadas dentro dos sistemas sociais. Algumas formas de executar desenhos de pesquisa são operacionalizadas com base em estratégias diferentes. A primeira observada é a que chamam de “variação concomitante”. Esses estudos têm por base a crença que sistemas similares oferecem os melhores casos para a pesquisa comparada (PRZEWORSKI; TEUNE, 1970, p.32). Já a estratégia alternativa tem como ponto de partida a variação do comportamento observado em um nível mais baixo, quando comparados aos outros, geralmente se atendo ao nível micro dos indivíduos e grupos sociais.

A nortear a pesquisa comparada dentro das diversas estratégias e desenhos de pesquisa possíveis, tem-se presente a importância da homogeneidade da relação entre as variáveis nos diversos casos observados. É necessário identificar se a relação entre as variáveis dependentes e independentes é a mesma. Nesse sentido faz-se primordial a análise tanto das características dos casos unitários escolhidos em suas peculiaridades e das características que operam em todos os casos, os fatores inter-sistêmicos.

Nessa direção, Przeworsky e Teune (1970, p.46), afirmam que quando uma relação entre duas variáveis é encontrada e essa relação é aplicável a diversos casos, o número de características sistêmicas que operam na variável dependente é mais reduzido, mas não completamente excluído. Essa perspectiva metodológica tornou-se importante haja vista as diferenças das relações entre variáveis operacionalizadas apenas nos casos específicos, sem levar em conta os atributos inter-sistêmicos. Quando as relações endógenas aos



sistemas são diferentes, a identificação do sistema social, ou seja, dos atributos compartilhados por todos os casos, vai robustecer a explicação (PRZEWORSKI; TEUNE, 1970, p.47), mudando o nível de análise.

### 3. O Papel das Teorias nas Ciências Sociais: Trilhando os Caminhos para a Validade da Pesquisa Comparada

As teorias têm papel central nas discussões metodológicas das ciências sociais, pois por meio dos atributos e características das teorias que é possível identificar a magnitude dos métodos e da validade das inferências a que o estudo se propõe. Sendo assim, nessa seção discutiremos o papel central das teorias nas ciências sociais, e na pesquisa política comparada em especial. Abordaremos e discutiremos as premissas básicas para a formulação de teorias válidas, tomando como referências os trabalhos de Przeworsky e Teune (1970), parcialmente abordado na primeira parte desse artigo, e os textos seminais de King, Keohane e Verba (1994) e Brady e Collier (2010).

Przeworsky e Teune (1970) abordam essencialmente as características das teorias e seu caráter generalista nas ciências sociais. Dentre as preocupações dos autores estava a discussão das premissas úteis para formulação de teorias mais gerais nas ciências sociais. Classificando os estudos comparativos como aqueles em que são analisadas a influência das variáveis sociais, políticas ou econômicas em diversos casos observados, eles se direcionam para o entendimento de que os estudos que analisam vários países ou casos como sendo aqueles que constituem verdadeiramente estudos

comparados (PRZEWORSKI; TEUNE, 1970), diferentemente daqueles que se concentram exclusivamente no nível da nação.

Como a preocupação da teoria deve ser a elaboração de declarações gerais, parte-se do princípio que elas só podem ser formuladas se os fatores internos dos casos analisados forem idênticos e contribuírem para a explicação. Dessa mesma forma, as variáveis explicativas devem ser aplicáveis a todos os casos observados. Nesse sentido, o que se deve fazer é conduzir a pesquisa de modo a encontrar os determinantes da variável dependente que expliquem a sua variação tanto no nível macro, dos diversos casos analisados, como também no nível interno de caso específico. Essa estratégia seria alcançada por meio de técnicas que analisem a variação da variável dependente, tais como a regressão múltipla aplicada simultaneamente nos diversos casos, as técnicas para detecção da importância de diferentes fatores e a comparação do impacto na variável dependente, ao se analisar somente os fatores intra-sistêmicos (PRZEWORSKI; TEUNE, 1970).

A abordagem a ser utilizada dependeria dos dados em tratamento, podendo ser aplicadas regressões nos países, separadamente ou em conjunto. Para Przeworsky e Teune (1970), o primeiro passo na pesquisa comparada é a definição e medição da variável dependente. O procedimento seguiria, sendo analisado se os casos divergissem quanto à variável dependente. Se não divergissem, poderiam ser tratados apenas como um caso e não constituiriam problema de pesquisa comparada. Já se os casos apresentam diferença, deveria ser investigado a razão desse comportamento, desvendando-se o porquê de ela acontecer.

Após esse procedimento, o que deveria ser verificado era se uma variável independente de um dos casos explica a variável

dependente de todos os demais, ou seja, se haveria correlação entre a variável dependente e a primeira variável independente selecionada. Dependendo da correlação, sendo positiva ou negativa, seria possível formular a primeira conclusão teórica (PRZEWORSKI; TEUNE, 1970).

A conceituação e a mensuração das variáveis são de extrema importância para a execução dos desenhos de pesquisa e para a validação das teorias. Uma linguagem apropriada e a medição condizente com o fenômeno e os objetivos da pesquisa instrumentalizam o pesquisador para a futura consecução de inferências causais válidas e a confirmação das teorias criadas. A linguagem e os conceitos científicos necessários para a formulação de teorias podem incorporar as características individuais dos casos observados, uniformizando e homogeneizando as estruturas dos diversos casos para que possam ser comparados. Para tanto, as observações feitas nos casos específicos deveriam ser tratadas com uma linguagem apropriada com regras de interpretação próprias, sendo transformadas em conceitos que facilitem a construção de inferências (PRZEWORSKI; TEUNE, 1970).

O problema identificado foi o de que a mensuração inferencial precisa de definições e conceitos que dêem significado as observações feitas dentro dos contextos internos dos casos observados. Nesse sentido, a linguagem de mensuração deve considerar alguns fatores. Esses critérios deveriam levar em consideração, quanto à linguagem utilizada para expressar as observações, que esses termos utilizados devem ter regras de interpretação e ser aplicáveis a todos os casos; que devem permitir que as observações possam ter uma classificação ou que uma magnitude lhe seja atribuída; e também possibilitar a verificação das

relações entre as variáveis e a comparação dos casos observados (PRZEWORSKI; TEUNE, 1970).

Para que a mensuração e medição das variáveis retirem dos dados as informações necessárias para a validação dos mecanismos causais descritos na hipótese de trabalho e conseqüentemente direcione o estudo para a construção das inferências e para a validação das teorias, faz-se necessário uma homogeneidade dos instrumentos de mensuração. Essa equivalência dos instrumentos de mensuração é definida nos termos da invariância das declarações de mensuração (PRZEWORSKI; TEUNE, 1970). Os instrumentos de mensuração equivalentes seriam aqueles que produzem os mesmos resultados nas variáveis utilizadas. Przeworsky e Teune (1970) fornecem, então, alguns critérios para a verificação dessa equivalência. O critério geral para o estabelecimento da equivalência dos instrumentos de mensuração seria o da similaridade das estruturas de indicadores.

Essa similaridade é definida nos termos dos padrões de intercorrelação entre os indicadores. O teste de equivalência de dois instrumentos de medição deveria acontecer se esses dois instrumentos constituíssem amostras aleatórias do universo de indicadores de todos os casos. Ao invés de comparar as amostras com o universo, o procedimento seria o de comparar o comportamento das duas ou mais amostras (PRZEWORSKI; TEUNE, 1970).

Em um sentido geral, o estabelecimento da equivalência dos instrumentos de mensuração dependeria da distribuição dos indicadores e da linguagem em que eles são expressos. Os indicadores comuns seriam usados em todos os casos observados e produziriam variância em todos. Já os Indicadores idênticos seriam

classificados como aqueles em que o termo possui a mesma propriedade em todos os casos observados e que diferenças sociais e culturais não alterariam seu significado (PRZEWORSKI; TEUNE, 1970). Os autores trazem essa distinção no intuito de prevenir os possíveis erros oriundos do emprego de termos que em algumas culturas podem ser expressos na mesma linguagem, mas que possuem significados diferentes. No geral, se os indicadores comuns também são idênticos em todos os casos, o critério de equivalência foi alcançado e a mensuração não varia de caso a caso.

### 3.1 O Desenho de Pesquisa como Eixo Estruturante das Teorias nas Ciências Sociais: KKV e a Centralidade das Inferências Causais

King, Keohane e Verba (KKV), em *Designing Social Inquiry* permitiram um avanço significativo no pensamento metodológico nas ciências sociais, sobretudo na ciência política, ao sistematizar os meios para a validação das teorias na pesquisa social. O livro, publicado em 1994, oferece uma abordagem unificada que serve para a inferência e a lógica causal tanto na pesquisa qualitativa quanto na quantitativa. Como a pesquisa qualitativa pode se beneficiar igualmente dos desenhos de pesquisa que favorecem a inferência e a lógica causal, KKV (1994), argumenta em torno das similaridades das escolhas metodológicas feitas pelos cientistas políticos e sociais.

Tentando superar dilemas e disputas entre as tradições quantitativas e qualitativas, que se dão muito mais por razões de estilo e técnica do que verdadeiramente das finalidades de suas propostas (KING; KEOHANE; VERBA, 1994, p.3), a obra leva a literatura metodológica a refletir acerca dos instrumentos e meios mais apropriados para a validação das teorias nas ciências sociais a

partir de desenhos de pesquisa mais rigorosos que prezam pela construção de inferências causais válidas. Embora tenham suas diferenças quanto às técnicas utilizadas e ao estilo adotado, ambas podem se beneficiar da adequação de seus objetivos a desenhos de pesquisa que favoreçam a lógica inferencial.

As diferenças entre os estilos de pesquisa quantitativa e qualitativa não servem para excluir as possibilidades de validação das teorias na pesquisa qualitativa. Embora a primeira se atenha ao uso dos números e da estatística para a medição dos fenômenos observados e o teste de hipóteses, o que facilita a avaliação do trabalho empírico por outros pesquisadores (KING; KEOHANE; VERBA, 1994, p. 03). A segunda, que prioriza o uso técnicas de entrevistas, material bibliográfico e fontes primárias para executar estudos mais aprofundados de casos específicos, também pode se beneficiar dos passos metodológicos oferecidos por KKV para validar as teorias.

Ao invés de fomentar divergências infrutíferas, King, Keohane e Verba (1994), apostam muito mais nas similaridades entre as duas abordagens do que em suas diferenças, ressaltando que as duas tradições podem ser sistemáticas e científicas. Os autores buscam demonstrar um meio termo, uma posição intermediária, entre o estabelecimento de uma ciência social quantitativa e uma qualitativa, que estruture sua lógica de operação nas regras da inferência científica, mais facilmente observada na pesquisa quantitativa.

Partindo da perspectiva de que as ciências sociais estruturam as suas inferências em procedimentos de pesquisa adequadamente delineados, com regras claras e precisas, os autores oferecem, então, uma discussão sobre os componentes dos desenhos de pesquisa,

tanto qualitativos quanto quantitativos, que podem efetivamente contribuir para a construção de inferências e a validação das teorias.

A pesquisa científica, não importando o conjunto de técnicas e as escolhas metodológicas feitas, deve primar pela inferência, utilizar métodos e dados que estejam à disposição do público e que possam ser replicados (KING; KEOHANE; VERBA, 1994). Dada a importância dos desenhos de pesquisa como o eixo estruturante das inferências causais e para a conseqüente confirmação e validação das teorias, autores dividem os desenhos de pesquisa em quatro componentes. O primeiro deles é o problema de pesquisa, seguido pela teoria, os dados e o uso dos dados (KING; KEOHANE; VERBA, 1994, p.13). O problema de pesquisa teria o papel de conduzir a pesquisa no rumo certo para a explicação do fenômeno social observado. A teoria teria o papel de abrigar e contextualizar a possível resposta para o problema de pesquisa, fornecendo os subsídios teóricos que foram construídos por meio da observação do fenômeno em apreço. Os dados teriam o papel de subsidiar a operacionalização da teoria construída, fornecendo as informações carregadas de componentes capazes de transformar as hipóteses em inferências reais. Já o uso dos dados faz referência ao adequado emprego dos dados disponíveis, com imparcialidade para a operacionalização das variáveis e construção das inferências.

A tentativa de KKV (1994) foi a de argumentarem torno da importância dos desenhos de pesquisa disciplinados para o estabelecimento das inferências causais e a conseqüente validação das teorias nas ciências sociais. Para tanto, as hipóteses causais deveriam ser bem orientadas, de modo que aproximassem, ao máximo, das regras da inferência causal (KING; KEOHANE; VERBA, 1994, p. 76). Como a causalidade é um conceito teórico que

independe dos dados e serve para estudá-los, os autores partem para uma explanação da aplicabilidade do conceito de causalidade com exemplos de modelos de pesquisa qualitativos e quantitativos. Eles assumem o conceito de efeito causal como a diferença entre o componente sistemático das observações feitas quando a variável explicativa assume um valor e os componentes sistemáticos das observações comparáveis assumem outro (KING; KEOHANE; VERBA, 1994).

O nível de análise não importaria, mas sim que os casos observados possibilitassem o estabelecimento das inferências causais. Nesse sentido, a análise do desenho de pesquisa é de suma importância para a verificação de sua indeterminação. A indeterminação de um desenho de pesquisa responde as possibilidades causais das suas hipóteses. No caso de desenhos de pesquisa quantitativa, os programas estatísticos são úteis para identificá-los, já que nesses casos eles não produziram estimativas (KING; KEOHANE; VERBA, 1994, p. 118). Já a pesquisa qualitativa tem a vantagem de fornecer mais informações, possibilitando que os desenhos de pesquisa sejam mais determinantes.

Quanto a validação das teorias especificamente nas pesquisas qualitativas, King, Keohane e Verba (2010), em outra oportunidade, reafirmaram a necessidade da coleta e do emprego do maior número possível de informações para testar a teoria e sua aplicabilidade na pesquisa qualitativa. O ideal, nesse sentido, seria que os estudos qualitativos empregassem contextualização e descrição adequadas, úteis para avaliar a teoria e produzir um desenho de pesquisa que favorecesse o estabelecimento de inferências válidas, por meio de estratégias de coleta de mais informações na variável dependente, observando a mesma variável em outros contextos ou observando



outra possível variável dependente da teoria (KING; KEOHANE; VERBA, 2010, p. 122).

### 3.2 Indo Além da Abordagem Quantitativa na Pesquisa em Ciências Sociais: Novos Caminhos para a Pesquisa Científica

A discussão do livro de King, Keohane e Verba, exposta no ponto anterior, foi retomada na coletânea de artigos reunidos por Henry E. Brady e David Collier no livro *Rethinking social inquiry: diverse tools, shared standards*, que criticou a utilização do método quantitativo como ponto de partida para a elaboração dos desenhos de pesquisa centrados no método qualitativo.

Isso porque, para KKV o desenho de pesquisa deveria ser elaborado seguindo cinco passos. Inicialmente o pesquisador deveria definir o problema de pesquisa, em seguida especificar a teoria a ser testada, selecionar os casos e as observações pertinentes, produzir as inferências descritivas, e por fim produzir as inferências causais (BRADY; COLLIER, 2004). Entretanto ao tentar padronizar, com base nos métodos quantitativos, os desenhos de pesquisa, KKV deixou de atentar para as limitações do modelo quantitativo, especialmente no que se refere às ideias básicas sobre modelagem estatística e análise de regressão, e sobre as abordagens alternativas para a estimação da incerteza.

Sendo a causalidade tão somente o estabelecimento de um modelo, e não dos dados, muitos modelos seriam capazes de gerar explicações concorrentes do mesmo fenômeno. Dessa forma, é questionável a utilização dos modelos estatísticos como os únicos capazes de gerar inferências causais válidas.

O segundo ponto a que se atêm os autores é a prática padrão utilizada pelos métodos quantitativos tradicionais para estimar a incerteza dos resultados da investigação. Nesse ponto, KKV em sua obra presume muito largamente sobre o quão prontamente a incerteza pode ser identificada e medida, mas não fornece informações concretas de como se daria essa medição da incerteza pelos pesquisadores qualitativos, não tendo resultado maior do que o de expor as limitações do método qualitativo (BRADY; COLLIER, 2004, p.71).

Para os autores, KKV rejeitou as peculiaridades dos métodos qualitativos e os próprios objetivos desse tipo de pesquisa (BRADY; COLLIER, 2004, p. 05). De acordo com os autores o erro de KKV foi pressupor que a utilização do método quantitativo pelos pesquisadores qualitativos é essencial para que sejam produzidas inferências de qualidade.

Ao mesmo tempo em que KKV presumiu que os pesquisadores qualitativos são prejudicados pela falta de quantificação e pelo pequeno número de observações, ignorou que os pesquisadores quantitativos também podem ser prejudicados pela quantificação de muitos casos diferente. Presunção essa, causada pela estreita ligação entre a visão de causalidade de KKV e o método experimental, resultando em uma atenção excessiva daqueles autores aos problemas de medição, que no final é enganosa.

A afirmação de DSI sobre o caso de diversas variáveis explicativas, em que apenas uma é medida com erro substancial, é bastante enganosa ao não declarar que o viés na estimativa de parâmetro associado à uma variável medida com erro substancial será propagada de forma complexa para todas as outras estimativas de parâmetros na análise. A afirmação formulada no

livro sobre a análise sequencial em vez de simultânea de várias variáveis explicativas também é enganosa, pelo menos no sentido de que o viés da variável omitida resultante pode mitigar, exacerbar ou inverter o viés atribuível aos erros de medição. E a promessa de apurar os tipos de vieses que podem surgir em situações mais complicadas, alargando a “análise formal” pode, em geral, ser cumprida somente se tivermos uma boa dose de informação prévias sobre a natureza e a magnitude nos diversos erros – informações praticamente impossíveis de encontrar em todos, mas apenas nas configurações de pesquisa mais bem compreendidas e ricas em dados (BRADY; COLLIER, 2004, p. 73 – tradução livre).

Para os autores, a força do argumento de KKV residiu no estabelecimento de que a causalidade requer a discrição minuciosa de uma condição contrafactual e da comparação do acontecido com o que teria ocorrido se a causa estivesse ausente. Dessa forma, KKV colocou a definição de causalidade como sendo anterior à identificação de mecanismos causais, igualando a explicação causal com o pensamento, o que não necessariamente é verdadeiro (BRADY; COLLIER, 2004, p. 57).

Essa postura, à época inovadora, de KKV que igualou o pensamento à explicação causal, acabou por gerar diversas distorções na pesquisa, especialmente na ciência política, que atualmente concentra uma quantidade muito grande de trabalhos produzidos com os métodos quantitativos, como se a análise baseada em regressão, que associa as medições de incerteza, produzissem inferências confiáveis.

Nesse contexto, os autores estabelecem dois caminhos a serem explorados: (i) o desenvolvimento das análises quantitativas, fazendo comparações em menor escala, tal qual se faz nas ciências naturais,

cuidando para controlar o surgimento de *trade-offs* desse tipo de método; e (ii) a inovações nos métodos qualitativos, fortalecendo essas ferramentas (BRADY; COLLIER, 2004, p. 06-07).

#### 4. Considerações Finais

Apesar das inúmeras críticas formuladas durante o caminho trilhado pelas ciências sociais no âmbito da pesquisa científica, haja vista a centralização da sua análise no indivíduo, ou ainda das relações sociais decorrentes de suas ações, a utilização de métodos e critérios apropriados permitem a comparação de sistemas sociais diferentes, chegando-se a explicação dos fenômenos sociais com níveis aceitáveis de generalização e parcimônia.

Nesse contexto, as três obras principais aqui expostas, tiveram uma contribuição significativa para o desenvolvimento da metodologia da pesquisa científica nas ciências sociais e principalmente para a pesquisa comparada. Para Przeworsky e Teune (1970), que abordam especificamente as características das teorias e seu caráter generalista, apenas a análise de vários países ou casos é capaz de constituir verdadeiramente estudos comparados, os quais, por sua vez, só podem resultar em teorias gerais se os fatores internos dos casos analisados forem idênticos e contribuírem para a explicação.

A produção de inferências seria, assim, resultado da abordagem utilizada, a qual deve variar de acordo com os dados que estivessem em tratamento, a partir da definição e da medição da variável dependente. Apenas após esse momento, é que poderia ser analisada a correlação, e então ser formulada a primeira conclusão teórica.

King, Keohane e Verba (1994), por sua vez, alterou o pensamento acerca da metodologia de pesquisa para as ciências sociais, e principalmente na ciência política, ao estabelecer a inferência causal como objetivo comum dos pesquisadores quantitativos e qualitativos, devendo os segundos aproximar seu desenho de pesquisa daquele tradicionalmente formulado pelos pesquisadores quantitativos, por entender que ambas poderiam se beneficiar desse intercâmbio.

Para tais autores, independente do conjunto de técnicas utilizadas e das escolhas metodológicas feitas, o pesquisador deve primar pela inferência, utilizar métodos e dados que estejam à disposição do público e que possam ser replicados, devendo o desenho de pesquisa ser dividido em quatro componentes: o problema de pesquisa, a teoria, os dados e o uso dos dados. Tendo sido o desenho de pesquisa rigorosamente elaborado para a formulação de inferências causais, é absolutamente possível a validação das teorias nas ciências sociais.

Entretanto, ao adotar uma posição tão fechada em relação à necessidade de produção de inferências causais, e mais especificamente, em relação à necessidade de uma abordagem quantitativa para solucionar eventuais falhas encontradas nos métodos qualitativos, os autores deixam de atentar para os limites das modelagens de estatística e das análises de regressão, bem como para a existência de abordagens alternativas para a estimação da incerteza.

Foi justamente esse o foco da discussão trazida na obra de Brady e Collier (2004). Os autores consideram que o método quantitativo não se embasa propriamente nos dados, mas sim em modelos de regressão e que diversos outros modelos de pesquisa

seriam capazes de gerar explicações concorrentes. Explicações essas que não podem ser descartadas simplesmente porque não foram dadas a partir de um modelo estatístico.

Dessa forma, os autores apresentam duas saídas para que seja possível ultrapassar as limitações de tal teoria, sugerindo uma nova agenda para os pesquisadores da área, que se apoiaria em dois pontos: (i) o desenvolvimento das análises quantitativas, fazendo comparações em menor escala, tal qual se faz nas ciências naturais, cuidando para controlar o surgimento de *trade-offs* desse tipo de método; e (ii) a inovação nos métodos qualitativos.

A obra de Brady e Collier (2004), tem importância significativa para que a academia, como um todo, ultrapasse a abordagem exclusivamente quantitativa e possa efetivamente desenvolver métodos alternativos capazes de incrementar a capacidade explicativa das inferências, abrindo espaço para a utilização conjunta de métodos qualitativos e quantitativos.

#### Referências bibliográficas

BRADY, Henry; COLLIER, David (orgs.). Rethinking social inquiry: diverse tools, shared standards. Lanham: Rowman and Littlefield Publishers, 2004.

FIGUEIREDO FILHO, Dalson Britto; PARANHOS, Ranulfo; ROCHA, Enivaldo Carvalho da; SILVA JÚNIOR, José Alexandre da; SANTOS, Manoel Leonardo Wanderley Duarte. Levando Gary King a sério: desenhos de pesquisa em ciência política. Revista eletrônica de ciência política, vol. 3, n, 1-2, 2012.

Artigo original

Hegemonia – Revista Eletrônica de Relações Internacionais do Centro

Universitário Unieuro

ISSN: 1809-1261

UNIEURO, Brasília, número Especial, 2016, pp. 4-27.

KING, Gary; KEOHANNE, Robert O.; VERBA, Sidney. Designing social inquiry: scientific inference in qualitative research. New Jersey: Princeton University Press, 1994.

LEVIN, Jack. Estatística aplicadas a ciências humanas. 2ª ed. São Paulo: Harbra, 1987.

PRZEWORSKI, Adam; TEUNE, Henry. The logic of comparative social inquiry. New York: Wiley-Interscience, 1970.

POPPER, Karl. A lógica da pesquisa científica. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 2013.